
O Marxismo diante do Anti-Humanismo

Nildo Viana

O presente texto para da tese de que no capitalismo contemporâneo há uma impugnação¹ do humanismo e isso, por sua vez, enfraquece o marxismo. Essa tese precisa ser fundamentada. Isso pressupõe entender a relação entre marxismo e humanismo e a política cultural anti-humanista constituída pela classe dominante a partir do Pós-Segunda Guerra Mundial, bem como sua manifestação contemporânea e consequências para o marxismo. A luta em torno do humanismo parte da luta de classes e a classe dominante é tudo, menos humanista, bem como sabe que esse se relaciona com o marxismo e é por isso considera necessário cortar o vínculo entre ambos ou minar o primeiro para enfraquecer o segundo. Para analisar isso, vamos, inicialmente, discutir a relação entre marxismo e humanismo. Num segundo momento, vamos abordar brevemente a política cultural anti-humanista efetivada contemporaneamente. E por fim vamos mostrar, sinteticamente, os efeitos disso sobre o marxismo e luta cultural que precisa ser travada em torno dessa questão.

Marxismo e Humanismo

O marxismo em seu sentido original é uma práxis revolucionária fundada numa episteme que realiza a crítica radical da sociedade capitalista e aponta para uma nova sociedade, pós-capitalista, radicalmente diferente da atual, expressando os interesses fundamentais do proletariado. Assim, o marxismo, como já dizia Marx, tem a vantagem de ter uma percepção teórica da sociedade, suas lutas e tendências, partir de uma perspectiva de classe e de futuro para avaliar o presente, o que lhe permite, também, ser

¹ Impugnação, aqui, significa não admitir uma determinada opinião ou concepção, promovendo sua censura e condenação.

a “fração mais resoluto” na luta de classes a favor do proletariado (MARX; ENGELS, 1988). No interior do bloco revolucionário² o marxismo é o seu setor mais resoluto, radical, consciente e avançado³. Apesar de muitos marxistas serem ambíguos, o marxismo é o principal mediador entre o indivíduo que demonstra insatisfação e sua passagem para uma posição revolucionária. Contudo, existe uma mediação na transformação do indivíduo insatisfeito em marxista revolucionário (bem como outras posições críticas e radicais, mesmo com suas ambiguidades). Essa mediação é o humanismo. Entender isso é fundamental para entender a relação entre marxismo e humanismo.

Porém, antes disso, é preciso entender as bases humanistas do marxismo. O marxismo é um humanismo, para parafrasear Sartre (1987). Marx só se tornou um revolucionário a partir do humanismo. O humanismo antropocêntrico de Marx (VIANA, 2020) revela um compromisso com a libertação humana em geral. Se Marx não fosse humanista, não seria marxista. Sem dúvida, o humanismo inicial de Marx era generalista, mas a pesquisa e análise crítica da realidade o fez compreender a luta de classes e entender que o movimento revolucionário do proletariado era o meio para se conseguir a libertação humana.

No entanto, o humanismo marxista se diferencia de outras concepções humanistas. Não poderemos aqui discutir as diversas formas de humanismo, mas apenas destacar que o humanismo marxista se diferencia dos demais. A forma de humanismo mais difundida é o que podemos denominar como espontâneo. O humanismo espontâneo não tem bases teóricas ou ideológicas e sim um conjunto de sentimentos, valores e ideias relativamente vagas. O humanismo espontâneo aponta para a valoração dos seres humanos, sentimentos simpáticos voltados para a humanidade e ideias que expressam tais valores e sentimentos. Marx iniciou com um humanismo espontâneo e foi desenvolvendo uma concepção mais elaborada até chegar a versão mais desenvolvida, que aqui denominamos humanismo marxista. A base desse humanismo é uma concepção de natureza humana segundo a qual

² O bloco revolucionário é composto pelos setores mais organizados, conscientes e ativos que expressam os interesses fundamentais do proletariado, o que significa que se materializa em indivíduos, grupos, organizações, ideias, que são revolucionários, seja de forma mais coerente ou ambígua.

³ Ou deveria ser, pois muitos marxistas – enquanto indivíduos concretos – são perpassados por ambiguidades, indecisões, avanços e recuos, influências diversas, determinada personalidade, vínculos e valores contraditórios, etc. – e isso pode gerar ambiguidades e limites intelectuais, valorativos, etc. Isso vale para o caso de determinados marxistas, especialmente os representantes do marxismo ambíguo.

esta é constituída pelas necessidades primárias (compartilhada com os animais, como beber, comer, dormir, reproduzir, etc.) e necessidades secundárias (especificamente humanas, que são o seu elemento essencial) e que os seres humanos necessitam realizar tal natureza e isso é impedido pelas sociedades de classes e esse é o motivo da luta por uma sociedade radicalmente diferente. As necessidades secundárias, especificamente humanas, são a práxis e a socialidade, ou, para usar os termos usados por Marx, o trabalho (como objetivação, não-alienado) e a “cooperação” (MARX; ENGELS, 1982). As sociedades de classes pervertem o trabalho e as relações entre os seres humanos, substituindo a autorrealização das potencialidades humanas e a associação colaborativa e enriquecedora em relações sociais marcadas pela alienação, exploração e dominação.

A sociedade capitalista efetiva esse processo de forma específica e gera processos sociais derivados que prejudicam ainda mais os seres humanos, tais como a mercantilização, burocratização e competição (VIANA, 2008). Porém, ela, ao constituir o proletariado e efetivar o desenvolvimento das forças produtivas, permite a passagem para uma sociedade superior que rompe com a alienação, a exploração e a dominação e possibilita a livre manifestação da natureza humana. Porém, essa mesma sociedade cria obstáculos políticos e culturais para tal transformação. Apesar disso, ela não consegue sufocar totalmente a natureza humana e por isso o humanismo espontâneo se torna possível. Claro que, para vastos setores da população, a suas condições desfavoráveis de vida, a alienação, a destruição psíquica, a competição social e os valores associados, são processos que geram desumanização e afastamento do humanismo espontâneo.

Ninguém nasce marxista e somente com o seu desenvolvimento é que pode vir a se tornar marxista⁴. E esse “tornar-se” marxista se dá, geralmente, a partir de indivíduos que eram humanistas espontâneos (com ou sem mediação de outro humanismo, mais refletido, posteriormente). Existem exceções, sem dúvida, como rebeldes e revoltados, mas esses geralmente tendem a ser marxistas ambíguos, pois é o descontentamento com sua posição na sociedade ou ódio e ressentimento que é sua motivação para adesão ao

⁴ Mesmo as crianças que tem pais adeptos do marxismo não se tornam imediatamente marxistas. A razão disso é que o processo de socialização e desenvolvimento da consciência é complexo e possui múltiplas determinações, sendo que, na sociedade capitalista, tudo aponta (escola, meios oligopolistas de comunicação, a maioria esmagadora da população, etc.) para uma concepção conservadora e não-marxista.

discurso revolucionário e não a libertação humana. O revoltado é movido pelo ódio/ressentimento e o rebelde pela ambição⁵. É por isso que, em certo momento, eles podem se afastar do marxismo, pois, afinal, é possível que encontrem um meio mais eficaz de demonstrar seu ódio ou ascender socialmente.

E por qual motivo o humanismo espontâneo tem esse significado? A razão disso se encontra no fato de que para ser marxista é preciso abandonar os interesses imediatos e egoístas, ou pelo menos reduzi-los e controlá-los, e se preocupar com os demais seres humanos e suas condições de vida, o que significa possuir determinados valores e sentimentos em relação à humanidade. Os indivíduos egoístas, não-humanistas, preocupados apenas com seus próprios interesses, com ascensão social, dinheiro, poder, riqueza, competição, não vão aderir ao marxismo (a não ser que seja o pseudomarxismo, pois através deste pode-se conseguir espaços em organizações burocráticas, benefícios financeiros, etc.). Quanto maior o número de indivíduos que são humanistas espontâneos, maior é o potencial de aumento numérico de futuros marxistas, pois assim existe um solo fértil para que se desenvolva a consciência revolucionária, a crítica, o compromisso com a verdade e com a libertação humana.

Anti-Humanismo e Antimarxismo

Existe um humanismo burguês, mas é raro nos meios burgueses e geralmente promove o abandono do pertencimento de classe, pelo menos temporariamente. Jovens burgueses podem se aproximar do humanismo espontâneo em sua versão burguesa, com sonhos ilusórios de reformas, filantropia e caridade, ou podem se aproximar de posições mais críticas, gerando, inclusive, rupturas familiares (que em muitos casos é substituído por reconciliações a partir de certa idade). Porém, após a Segunda Guerra Mundial, emergiu um anti-humanismo filosófico e científico, em favor de análises do “sistema”, “estrutura”, “organismo”, “função” (VIANA, 2019). O paradigma reprodutivista gerou uma versão anti-humanista – e uma das grandes expressões desse anti-humanismo foi um pseudomarxista, o mais renomado dessa época, Louis Althusser⁶ – e uma versão

⁵ Erich Fromm (2014) fez uma reflexão sobre o que denominou “caráter rebelde” que ajuda a entender esta afirmação. A respeito do “revoltado” não conhecemos nenhuma reflexão profunda ao seu respeito.

⁶ A esse respeito é possível consultar sua obra *A Favor de Marx*, no qual ele critica o humanismo (ALTHUSSER, 1979).

supostamente “humanista” fundada na ideia de integração. As ideologias reprodutivistas (funcionalismo, estruturalismo, ideologias dos sistemas, etc.) colocavam as estruturas e sistemas acima dos seres humanos e dos indivíduos. Eles seriam apenas joguetes de estruturas, sejam elas linguísticas ou sociais (VIANA, 2019).

Porém, as lutas operárias e estudantis do final dos anos 1960 colocaram em questão o reprodutivismo e sua recusa da história. As ideias que postulavam que houve uma “integração da classe operária”, que não haveriam mais “saltos na história” (revoluções) e que a sociedade de consumo caminhava para a sociedade de abundância, entre outras similares, foram superadas pela luta operária e estudantil, bem como radicalização de vários outros setores da sociedade. A rebelião estudantil de Maio de 1968 decretou “o fim do estruturalismo” (DOSSE, 2007; VIANA, 2019) e marcou o primeiro passo para a emergência do marxismo autogestionário e ressurgimento do pensamento crítico. Ao mesmo tempo, emergiu uma forma de contrarrevolução cultural preventiva, um par antinômico do estruturalismo, que recusava a totalidade, a objetividade, etc., em nome da subjetividade e dos “múltiplos sujeitos”, mas o alvo real era o marxismo e por isso elementos das ideologias reprodutivistas podiam ser recuperados (VIANA, 2019). Assim, a passagem do regime de acumulação conjugado para o regime de acumulação integral é marcado pela passagem do paradigma reprodutivista para o subjetivista.

Um novo ataque ao humanismo se institui nesse contexto histórico. Agora não se trata mais do anti-humanismo intelectual centrado em estruturas e sistemas e sim centrado na “diversidade”, na “diferença”, nos fragmentos, múltiplos sujeitos. A crítica da ideia de totalidade e “metanarrativas” e de tudo que é considerado “universal” marca a base intelectual do novo anti-humanismo. A partir dessas bases intelectuais, o humanismo espontâneo perde espaço cada vez maior, pois prolifera o hedonismo, o narcisismo, o neoindividualismo, o empreendedorismo competitivo, a revolta, a rebeldia, o ressentimento, e a luta de grupos que vem para dividir e gerar ódio e separações. A nova política cultural, capitaneada pela UNESCO e por instituições diversas (fundações internacionais como a Rockefeller, Ford e outras, organismos internacionais como Banco Mundial e FMI, além dos Estados nacionais e suas políticas neoliberais) prioriza a diversidade e os grupos sociais, gerando um foco em lutas especificistas e fragmentárias e

gerando a chamada “política de identidades”, incentivando os indivíduos a se reduzirem a uma suposta identidade (TARDIEU, 2014).

Esses elementos dificultam a proliferação do humanismo espontâneo, pois fornecem explicações falsas sobre a realidade e direcionam as ações e objetivos para luta de grupos, bem como canaliza o ódio e ressentimento de muitos junto com a busca de ascensão social de outros. A nova interpretação do mundo repassada pelos ideólogos, escolas e universidades, meios oligopolistas de comunicação, reduz tudo a gênero, identidade, “sujeito”, “subjetividade”, etc. em detrimento da espécie humana em geral. Assim, a nova geração é doutrinada nas escolas para respeitar as diferenças e as identidades, o indivíduo e os grupos, focalizando na diferenciação e desumanizando supostos “opressores”, bem como descontextualizando (a destotalização contribui com isso e gera uma despolitização) e despolitizando, reduzindo as complexas relações sociais (de classes, entre os grupos, etc.) a uma luta de grupos ou mesmo ao maniqueísmo. Grande parte da nova geração que emerge após os anos 1980 passa a enxergar o mundo pela lente da diferença e diversidade e numa oposição dogmática e descontextualizada entre “opressores” e “oprimidos”, sendo que as classes sociais, a exploração, a dominação e a alienação são abandonadas ou relegadas a segundo plano. A compaixão, sentimento espontâneo e que se direciona aos seres humanos em geral, é substituída pelo discurso da “empatia”, uma imposição externa e geralmente seletiva, pois a empatia é sempre em relação a um grupo, ao “outro” (e por pertencer a determinado grupo ou estar em determinada situação, e não por ser um ser humano, o que permite entender apenas um lado em detrimento do “outro lado”). A compaixão é entre iguais em situações diferentes, a “empatia” é entre diferentes com supostas “essências” diferentes.

Isso tudo gera uma impugnação do humanismo, tanto o espontâneo como o que se manifesta em formas refletidas (e isso se reforça reciprocamente). O humanismo marxista, bem como outras formas de humanismo mais estruturados intelectualmente, são esquecidos, desvalorizados ou combatidos, a ideia de “natureza humana” é condenada, entre outros processos que reforçam o recuo do humanismo em geral e do espontâneo em particular. Isso significa que, além da crítica ao marxismo em geral, a nova política cultural gera bases intelectuais e ideológicas, bem como valores e sentimentos, anti-humanistas. Ao lado disso, o paradigma subjetivista incentiva o neoindividualismo, o

hedonismo, o narcisismo, o grupismo, discurso identitário, e outros processos sociais e culturais que promovem uma impugnação crescente do humanismo espontâneo. E alguns arquitetos ideológicos desse processo depois se perguntam de onde emerge o “discurso de ódio”, ideias como a da “terra plana” e outras manifestações de irracionalidade e irracionalismo, cuja base se encontra no paradigma subjetivista contemporâneo. O feitiço se virou contra o feiticeiro e este, ao ser atingido pela sua própria criação, passa a questionar a origem dessa feitiçaria como se não tivesse nada a ver com ela.

O Marxismo diante do Anti-Humanismo

Isso atinge, obviamente, o marxismo, pois suas bases humanistas entram em contradição com as ideologias subjetivistas hegemônicas, com os valores e sentimentos predominantes, bem como com os chavões mais difundidos contemporaneamente. A aproximação com o marxismo por grande parte dos indivíduos, especialmente os das gerações mais novas, se torna mais difícil. A eficácia do discurso marxista diminui drasticamente. Assim, a impugnação do humanismo significa um enfraquecimento do marxismo. O número de pessoas que poderiam aderir ao marxismo diminui, bem como a influência da teoria marxista, mesmo estando do lado da verdade e da libertação humana. Isso é reforçado pela renúncia de amplos setores da intelectualidade que não enfrentam e não desafiam as concepções hegemônicas e os processos sociais e culturais associados a elas. O moralismo subjetivista e seu tribunal inquisidor com seus “cancelamentos” é suficiente para amedrontar muitos intelectuais e explicitar a covardia reinante nos meios intelectuais.

Nesse contexto, alguns recuam e se silenciam, outros fazem compromissos e tentam se aliar aos setores hegemônicos (os setores neoliberais progressistas, pós-estruturalistas, multiculturalistas, etc.), bem como ainda emergem aqueles que buscam mesclar o seu pseudomarxismo com o subjetivismo, criando uma salada indigesta. Esse processo de covardia ou omissão de uma grande parte da intelectualidade (o que em muitos casos também está vinculado a interesses imediatos, ou seja, a carreirismo, retorno financeiro, cargos, etc.), bem como a disseminação desses valores, sentimentos, ideias e discursos no interior da juventude, faz com que o marxismo fique numa situação de marginalização ainda mais profunda com o desenvolvimento e fortalecimento do

subjetivismo e do anti-humanismo. Isso é reforçado pelos compromissos de grupos, organizações e partidos com setores hegemônicos, aliados a um recuo do movimento operário, que se mantém nas últimas décadas, em sua maioria, no nível das lutas cotidianas ou lutas mais profundas esporádicas ou, ainda, se colocando junto com a multidão sem posição de classe autônoma e independente.

No fim do túnel só se vê escuridão. Os poucos marxistas autênticos resistentes ficam esperando uma reemergência espontânea do movimento operário com lutas radicalizadas para alterar esse quadro, enquanto que outros buscam intervir nessa realidade através de uma luta cultural, de acordo com suas possibilidades, visando fortalecer a tendência revolucionária no interior da sociedade capitalista, e alguns unem as duas coisas. Nos setores ambíguos do bloco revolucionário, as soluções são mais pobres: afirmar a impotência dos grupos revolucionários e cruzar os braços esperando a “autonomia do movimento operário” emergir sem sua intervenção, aderir ao voluntarismo e tentar “mudar o mundo” com ativismo prático ou virtual, mesclar suas concepções (anarquismo, autonomismo, situacionismo, etc.) com o subjetivismo e fugir do isolamento e conseguir espaços (seja de forma consciente ou insciente, seja acompanhado de oportunismo ou ingenuidade, etc.), fazer compromissos com ideologias, modismos, organizações burocráticas, setores oportunistas.

Porém, existe uma luz no fim do túnel. A reemergência do movimento operário sob forma radicalizada nas lutas de classes é uma tendência latente, pois não apenas a situação financeira e a alienação são incentivos para isso, como também a desestabilização e tendência de crise do regime de acumulação integral, especialmente no período pós-pandemia. Outros setores da sociedade também podem radicalizar suas lutas, como parte da juventude e do lumpemproletariado. A sociedade contemporânea acumula males psíquicos, crescimento da pobreza, entre diversas outras contradições sociais, que podem, a qualquer momento explodir. Sem dúvida, o movimento operário pode ressurgir e hegemonizar esse processo, possibilitando sair apenas das reivindicações e revoltas e colocar em evidência o projeto revolucionário. Além disso, a mobilização de outros setores da sociedade podem incentivar o proletariado a se autonomizar e se colocar como classe autodeterminada. Os obstáculos ideológicos, como o subjetivismo e anti-

humanismo, tendem a se enfraquecer nesse contexto, mas, mesmo hoje, já começa a se desgastar e perder espaço.

A luta cultural é outro elemento fundamental e que já existe e atua, mas que precisa ser reforçada, seja pela contribuição de novos setores da sociedade, seja pela tendência a maior receptividade em momentos de desestabilização e, mais ainda, de crise (no caso, do regime de acumulação, que pode e tende a se tornar uma crise do capitalismo). Assim, os setores mais avançados, coerentes, organizados, do bloco revolucionário devem, sem cair no voluntarismo e achar que isso é suficiente e que vai promover uma revolução automaticamente, devem avançar na luta cultural, tanto no plano teórico e mais aprofundado, quanto no plano da produção artística, propaganda, etc. Se o resultado imediato disso é apenas fortalecer o bloco revolucionário, já é um ganho que pode ser importante no momento histórico seguinte, aumentando a força desse nas lutas posteriores. Se o resultado imediato for além disso, melhor ainda. E o encontro dessa luta cultural com a reemergência das lutas operárias significaria um momento de retomada do marxismo e de ascensão das lutas sociais.

E a luta cultural deve trabalhar com a ideia de autonomização do proletariado, colocando a necessidade de uma posição de classe autônoma, independente, fora da agenda burguesa e conservadora e também da progressista e burocrática, incluindo a eleitoral. Porém, também deve realizar o confronto com o subjetivismo e suas diversas formas de manifestação, bem como, mais especificamente, com o anti-humanismo. O combate ao anti-humanismo é de suma importância e se relaciona com a luta contra outras ideologias, doutrinas e chavões hegemônicos na contemporaneidade.

A luta cultural, por sua vez, deve ser acompanhada por intervenção direta nas lutas sociais em geral, bem como por tentativas de aproximação com o proletariado, entre outras ações complementares. Se a tendência latente de acirramento das lutas sociais se efetiva, as lutas posteriores poderão avançar mais rápido nos setores mais combativos do movimento operário e onde a luta cultural pela hegemonia proletária tenha avançado mais e todos esses processos contribuem com uma possível confluência entre bloco revolucionário (cujo setores “ambíguos” podem abandonar a ambiguidade e assim contribuir mais efetivamente com o movimento revolucionário) e proletariado.

Nesse contexto, a crítica do anti-humanismo e do subjetivismo é fundamental e é parte da luta cultural pela hegemonia proletária contra a hegemonia burguesa e burocrática. A luz no fim do túnel aparece quando essa tendência latente se torna perceptível e quando ela permite sair do imobilismo e conformismo no sentido de agir para reforçar sua passagem para tendência manifesta e, posteriormente, sua realização efetiva. O anti-humanismo não é apenas uma concepção falsa e conformista, mas desumana. Seres humanos desumanizados não conseguem contribuir com a luta pela libertação humana e por isso é necessário resgatar o humanismo e combater o anti-humanismo, o que é parte desta luta mais geral, mas que é de suma importância e que tem consequências sobre ela.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. *A Favor de Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- DOSSE, François. *História do Estruturalismo*. Vol. 2. O Canto do Cisne. Bauru: Edusc, 2007.
- FROMM, Erich. O Caráter Revolucionário. *Marxismo e Autogestão*, Ano 01, Num. 02, jul./dez. 2014
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. 3ª Edição, São Paulo: Ciências Humanas, 1982.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Col. Os Pensadores. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- TARDIEU, Serge. Crítica ao Especificismo. *Marxismo e Autogestão*, Ano 01, Num. 02, jan./jun. de 2014.
- VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.
- VIANA, Nildo. O Manifesto Inaugural do Materialismo Histórico. In: MARX, Karl e VIANA, Nildo. *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel: O Manifesto Inaugural do Materialismo Histórico*. Goiânia: Edições Redelp, 2020.
- VIANA, Nildo. *Universo Psíquico e Reprodução do Capital*. Ensaios Freudo-Marxistas. São Paulo: Escuta, 2008.